

## KATHARINA VON BORA: UMA ENTRE TANTAS MULHERES ESQUECIDAS NA HISTÓRIA DA REFORMA PROTESTANTE

Katharina von Bora:

one in/among so many women forgotten in the history of Protestant Reformation

Ketlin Lais Schuchardt

### Resumo

Costumo comparar a história das mulheres no período da Reforma Protestante à um livro de receitas que passou por muitas gerações mas que sempre é aberto nas mesmas páginas, porque ali se encontram as receitas mais práticas. Infelizmente, no entanto, são estas páginas que sustentam as perspectivas androcêntricas dos escritores. Esse artigo visa resgatar, através de uma revisão bibliográfica, a história de Katharina von Bora e seu protagonismo no período da Reforma, em uma perspectiva feminista, além de englobar o “lugar” ocupado pelas mulheres na época, e fazer uma breve reflexão sobre a influencia representada pela mídia da época e nos dias atuais. Considerando que as mulheres foram ocultadas e esquecidas pela história, assim como nas mídias, é necessário discutir esse tema, para que nomes como o de Katharina von Bora e de tantas outras mulheres, que ainda hoje ficam escondidos por detrás do masculino, apareçam e recebam seu devido reconhecimento.

**Palavras-chave:** Katharina von Bora, Mídia, Gênero.

### Abstract

I use to compare the history of women in the period of the Protestant Reformation to a cookbook that has passed through many generations but that is always open in just a few repeated pages, because in these pages are found the most practical recipes. However, these support the androcentric perspectives of the writers. This article aims to rescue, through a literature review, the history of Katharina von Bora and her protagonism/role in the reformation period, from a feminist perspective, besides to embrace the space occupied by women in the period, and to make a brief reflection about the influence represented by the media. Thus, considering that women were hidden and forgotten by history, as well as in the media, it is necessary to discuss this theme/topic/issue, so names like Katharina von Bora and of many other women, who are still hidden behind the male, appear and receive your just recognition.

**Keywords:** Katharina von Bora. Media. Gender

## Considerações Iniciais

Por muitos séculos a sociedade tem sido regida por um sistema patriarcal, machista e androcêntrico. Esse artigo visa resgatar, por meio de uma revisão bibliográfica, o protagonismo exercido por Katharina von Bora no contexto da Reforma Protestante. Serão apresentados dados referentes às condições, espaços e papéis que as mulheres exerciam e que ficaram por vezes ocultos na história. Sendo As diferentes formas de mídia (língua, TV, etc), tratando-se das mulheres, contribuiu significativamente para isso. Para finalizar, serão feitas algumas considerações entre gênero e as relações midiáticas atuais em relação ao papel da mulher na sociedade

### Katharina von Bora: uma breve apresentação de seu protagonismo.

Katharina von Bora nasceu em um povoado perto de Leipzig, na Alemanha, “em 29 de Janeiro de 1499”<sup>1</sup>. Primeiramente Katharina foi enviada, muito jovem, ao convento beneditino em Brehna e depois de alguns anos transferida para o mosteiro de Nimbschen. “No mosteiro de Nimbschen o tempo permitia que as irmãs conversassem entre si e para além do clausuro.”<sup>2</sup> “Através do comerciante Leonardo Koppe, que entrava toda a semana no mosteiro, as irmãs ficavam sabendo que sempre mais monges e monjas saíam dos mosteiros, deixando suas ordens impelidas pelos textos de Lutero.”<sup>3</sup>

Em 1517, Katharina tinha 18 anos e, apesar de viver atrás dos muros do convento, privada dos acontecimentos do mundo, era uma jovem auto suficiente e com sede de liberdade. Assim como outras freiras deste convento, que no fundo, desejavam uma outra vida, uma vida que extrapolasse os muros do convento, Katharina ficou entusiasmada com os escritos de Lutero.<sup>4</sup>

Depois de ler “o texto “Da Liberdade Cristã” de Lutero”<sup>5</sup>, Katharina e as demais freiras experimentaram uma libertação: a vida acética que levavam no convento já não fazia mais sentido. Chegaram a escrever para suas famílias manifestando a vontade de sair do

<sup>1</sup> DALFERTH, Heloisa Gralow. Katharina von Bora Uma biografia. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 11.

<sup>2</sup> WEISSHEIMER, Vera Cristina. *Bruxas no tempo de Lutero. As mulheres que ajudaram a escrever a história da reforma luterana*. São Leopoldo: H.E encadernação, 1994. p. 31.

<sup>3</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 31.

<sup>4</sup> DALFERTH, 2000, p. 32.

<sup>5</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 31.

mosteiro. No entanto, “sair do mosteiro era um passo totalmente incomum para a época”<sup>6</sup>, por isso foram reprimidas por suas famílias em sua decisão. “Lutero sentiu-se responsável por elas, pois, afinal de contas, foram os seus escritos e a sua teologia que fizeram com que tomassem tal decisão”<sup>7</sup>. Lutero lembrou-se de seu amigo e comerciante, Leonardo Koppe, para bolar um plano de fuga para as freiras. “Então, na páscoa de 1523, Koppe retirou 12 freiras entre barris de sardinha.”<sup>8</sup>

Enfim livres do mosteiro, a vida deveria continuar, mas para as mulheres esta tarefa era mais difícil, afinal “Para os ex-monges era muito fácil achar trabalho nas novas comunidades. Mas para as ex-monjas, numa realidade que estava exterminando o que lhe era estranho, era no mínimo perigoso.”<sup>9</sup> Lutero não tinha condição de abrigar as freiras em seu lar, por isso providenciou, através de suas influências, que elas ficassem morando na casa de famílias. A primeira família que acolheu Katharina foi de sobrenome Reichenbach e em seguida “ela também viveu com a família de Lucas e Bárbara Cranach.”<sup>10</sup>

Lutero fez várias tentativas frustradas de arrumar um marido para Katharina, até que ela encontrou uma solução caseira: “Lutero e Katharina casaram-se em 27 de junho de 1525. O mosteiro agostiniano, onde Lutero morava sozinho, agora era o novo lar do casal.”<sup>11</sup>

Katharina organizou uma pensão para estudantes, estudiosos e para quem estivesse de passagem. Ela cultivava um pomar, tinha um tanque de peixes, mantinha uma cervejaria doméstica. Era uma legítima pequena empresária, Lutero a chamava de “Meinen Herr Kathe”, e sugeria que ela poderia pô-lo em seu lugar quando ele esquecesse a sua superioridade biológica de homem. Katharina era mestra em emplastos, ervas e massagens.<sup>12</sup>

Katharina assumiu várias funções no decorrer de sua vida, as quais sempre soube administrar muito bem. Entre suas diversas atribuições podemos citar Katharina como uma organizada dona-de-casa, atenciosa e amorosa mãe e esposa, competente administradora dos bens, dedicada no papel de diaconia e cuidado com pessoas enfermas e machucadas “e também estava junto e fazia parte das conversas à mesa”<sup>13</sup> com estudantes de Lutero. Lutero não queria saber da participação de mulheres em assuntos eruditos. “Por outro lado,

<sup>6</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 31.

<sup>7</sup> DALFERTH, 2000, p. 33.

<sup>8</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 33.

<sup>9</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 33.

<sup>10</sup> DALFERTH, 2000, p. 44.

<sup>11</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 34.

<sup>12</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 35.

<sup>13</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 35.

aceitava as contribuições de Katharina porque a considerava mais inteligente do que sentimental e, por isso, achava natural que discutisse seus trabalhos com ela.”<sup>14</sup>

“Katharina tinha um poder de persuasão muito grande sobre Lutero”<sup>15</sup>, um exemplo disso é que foi Katharina quem convenceu Lutero a manifestar-se sobre o escrito de Erasmo (De Liberto Arbítrio). Outro exemplo de que Katharina participava e influenciava nos escritos de Lutero, são algumas das cartas que Lutero escreve a sua amada enquanto participava de reuniões. “Katharina era uma mulher culta, sabia ler e escrever, o que não era comum para mulheres de sua época. Além disso, tinha noções da língua latina.”<sup>16</sup>

Nas traduções da Bíblia, Katharina também se manteve presente... ela levava as crianças para os quartos e juntava-se aos tradutores...Katharina apoiava e contribuía para essa contextualização na medida em que ajudava a destrinchar termos, aproximando-os da linguagem do povo.<sup>17</sup>

“Katharina ficou muito abalada com a morte de Lutero. E o fato de não poder estar ao seu lado nessa hora fez com que o sofrimento parecesse ainda maior.”<sup>18</sup> “Para Lutero, durante 21 anos Katharina foi seu “Herr Kathe”, a mãe de seus filhos, a alma de sua casa, a faísca que põe tudo em chamas. Com a morte de Lutero (1546) começou a etapa mais difícil da vida dessa mulher.”<sup>19</sup>

Além de todo sofrimento que Katharina estava sentido pela morte de Lutero, ela tinha a infelicidade de ser mulher em uma sociedade em que nada favorecia as mulheres. “As leis não permitiam que viúvas recebessem herança e os filhos de um monge eram considerados ilegítimos.”<sup>20</sup> Por uma série de conflitos da época, Katharina foi obrigada a exilar-se com seus filhos e filha, no entanto, ela sofreu um acidente antes de chegar ao seu destino e morreu no ano de 1550.

Sem sombra de dúvidas, Katharina ajudou a traçar o caminho que a reforma protestante percorreu. No entanto, assim como tantas outras mulheres protagonistas, “ela entrou para a história como a “Kathe” de Lutero.”<sup>21</sup>

<sup>14</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 36.

<sup>15</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 36.

<sup>16</sup> BLASI, Marcia; MUSSKOPF, André S. *Ainda feminismo e gênero histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. Porto Alegre: Evangraf, 2014, p. 217.

<sup>17</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 36.

<sup>18</sup> DALFERTH, 2000, p. 91.

<sup>19</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 38.

<sup>20</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 38.

<sup>21</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 38.

## A situação e o lugar das mulheres no tempo da Reforma

Para entender a situação e o lugar das mulheres no período da reforma protestante, se faz necessário algumas considerações sobre a variedade de movimentos culturais, sociais e a diversidade de pensamentos em que elas estavam imersas.

“A Alemanha se encontrava numa época de fome e miséria. O medo, a morte, o pessimismo e as catástrofes criavam um clima de juízo final.”<sup>22</sup> “A igreja explorava a ignorância do povo impondo preços altíssimos para as indulgências, que, se supunha, poderiam encurtar o tempo de permanência no purgatório.”<sup>23</sup> “O espaço público foi, no tempo de Katharina, um lugar oficial não reconhecido para as mulheres.”<sup>24</sup>

Apesar desse mundo misógino ao extremo, houve mulheres que falaram, que se posicionaram, que se rebelaram, que escreveram tratados e de suas lamentações compuseram Salmos. No entanto, os historiadores somente lhes reservaram as notas de rodapé ou lhes fizeram referência somente como esposa dedicadas deste ou daquele reformador.<sup>25</sup>

“Naquela época, a mortalidade de mulheres jovens era muito alta, devido às numerosas gestações e precárias condições de parto e pós parto.”<sup>26</sup> Uma das saídas ou esperança para as mulheres e moças eram os conventos. “Muitas famílias nobres enviavam as suas filhas para os mosteiros (conventos) sem ter a intenção de que se tornassem freiras. O motivo era unicamente uma boa educação.”<sup>27</sup>

Por tratar-se, na época, de uma sociedade androcêntrica e patriarcal, na qual as mulheres estavam inseridas, seu papel fundamental era o serviço doméstico, a reprodução e cuidado dos filhos e filhas. Por esse motivo, existia a preocupação por parte dos pais e mães das moças para que elas conseguissem um casamento. “Muitas filhas de nobres empobrecidos foram conduzidas aos mosteiros, pois seus pais achavam que elas não conseguiriam casar por serem pobres. Geralmente ao ingressarem no mosteiro, seus pais pagavam um dote.”<sup>28</sup>

Era muito frequente que nobres empobrecidos colocavam suas filhas em mosteiros, pois assim tinham a certeza de que seriam cuidadas e sustentadas pelo

<sup>22</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 18.

<sup>23</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 18.

<sup>24</sup> BLASI; MUSSKOPF, 2014, p. 219.

<sup>25</sup> WEISSHEIMER, 1994, p. 31.

<sup>26</sup> DALFERTH, 2000, p. 11-12.

<sup>27</sup> DALFERTH, 2000, p. 14.

<sup>28</sup> DALFERTH, 2000, p. 16.

resto de suas vidas – também em caso de doenças e tempos difíceis. Como monjas ou freiras, elas eram melhor vistas na sociedade do que como uma mulher casada. Além disso tinham o risco de casar com um homem que não amavam e ainda estar expostas a uma morte prematura por causa das muitas gestações.<sup>29</sup>

Katharina von Bora não foge a essa regra. Assim como muitas outras moças de sua época, foi enviada a um convento por seu pai depois da morte de sua mãe e provavelmente por conta das dificuldades financeiras pelas quais sua família vinha enfrentando. No entanto, Catharina não foi uma mulher comum em sua época, sua personalidade influenciou e contribuiu muito para a Reforma Protestante, na medida que, ajudou Lutero na formulação de seu escritos, na administração da casa, dos filhos e filhas durante as importantes e necessárias viagens de Lutero e reuniu muitos estudantes em sua cozinha para alimentá-los e discutir teologia.

### **Influência e relação da Mídia na ocultação do protagonismo de mulheres.**

Infelizmente, no século XVI, a característica que podemos destacar em relações a mídia, que se caracterizava, sobretudo pela mídia impressa, é a de ocultar as mulheres. Nada que fosse referente a assuntos políticos e decisivos podia ser citado ou intitulado com o nome de mulheres. O espaço que as mulheres ocupavam se restringia ao ambiente doméstico.

Quando falamos de mulheres com faces, nomes e histórias ocultadas pelo sexismo, não podemos pensar só como algo que aconteceu nos séculos passados. Estamos em uma era caracterizada pela revolução tecnológica em que a linguagem e as diferentes formas de mídia continuam desfavorecendo às mulheres por causa da grande desigualdade de gênero que existe no mundo.

A língua é um dos espaços mais importantes de subordinação da mulher pelo homem, sendo aprendido e desempenhado por homens e mulheres nos seus papéis sociais. Nos estudos de Gênero e Feminismo que investigam a linguagem, percebe-se dois pontos em comum: a língua convencional é masculina e oprime as mulheres, e há um silêncio das mulheres na linguagem, na história da literatura e nas ciências.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> DALFERTH, 2000, p. 16.

<sup>30</sup> STEFFEN, Luciana. *Musicoterapia como práxis teológica: Interseções entre gênero e deficiência no desenvolvimento da independência de crianças e adolescentes com deficiência em atendimento musicoterapêutico*. 2014. 149 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014. p. 26.

Ainda hoje, justifica-se o uso do masculino como sendo forma universal de representar os gêneros na linguagem, no entanto “as mulheres são ocultadas, excluídas pela linguagem”<sup>31</sup>, dando a impressão de que as mulheres não se fazem presentes. Percebemos ainda que “a linguagem corrente, os ditos populares, os chistes, os gracejos, os provérbios, as piadas e os palavrões refletem e reforçam a desigualdade de gênero, ao apresentar as relações sociais entre os sexos de forma estereotipada.”<sup>32</sup>

O uso da linguagem masculina e sexista ainda é muito presente. Mudanças em documentos oficiais e manuais tem sido criados a fim de evitar esse uso, porém, a discriminação na linguagem oral e escrita ainda é utilizada diariamente, manifestando desigualdade de gênero.<sup>33</sup>

Outra herança dos séculos passados são as características normativas que vão sendo estipuladas aos sexos, as quais “podem ser resumidas da seguinte forma: aos homens cabe ser o chefe, líder da família, devendo solucionar os problemas, não podendo chorar, ser afetuoso o se subordinar a alguém, além de ser o único provedor da família.”<sup>34</sup> De semelhante modo, “às mulheres cabe não ter autonomia, ser dócil e delicada, responsável por gerenciar o espaço privado, sendo que sua dignidade depende da sua submissão a um homem (pai ou marido), e sua maior realização é a maternidade...”<sup>35</sup> Essas idéias e imagens são diariamente reproduzidas pela mídia, “como a televisão, a internet, jornais, revistas, rádio, entre outros... manipulando e estimulando esses modelos.”<sup>36</sup>

Para a mídia a mulher ideal é jovem, magra, linda, feminina, submissa e delicada e está irremediavelmente condenada à condição de objeto sexual, de esposa e de mãe. Frágil e indefesa, ela precisa de um homem que a proteja dos perigos do mundo; por isso, vive em função da busca do grande e definitivo amor de sua vida. O homem é a metade que lhe falta, complemento indispensável, sem o qual não há identidade feminina ou realização pessoal (vale mencionar a velha figura da solteirona, “mal-amada”, sinal de alerta para o fim que aguarda aquelas que não se empenham o suficiente na busca de seu par.<sup>37</sup>

<sup>31</sup> ABRANCHES, Graça. Como se fabricam as desigualdades na linguagem escrita. *Cadernos SECAUSEF*, Lisboa, n. 8, 2011. p. 35.

<sup>32</sup> STEFFEN, 2014, p. 26.

<sup>33</sup> STEFFEN, 2014, p. 26.

<sup>34</sup> STEFFEN, 2014, p. 27.

<sup>35</sup> STEFFEN, 2014, p. 27.

<sup>36</sup> STEFFEN, 2014, p. 27.

<sup>37</sup> DUARTE, Rosália. Mídia e Identidade Feminina: mudanças na imagem da mulher no audiovisual brasileiro da última década. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2, 2003, Florianópolis. *Anais...Florianópolis*, 2003. p. 4.

Com esses poucos exemplos já conseguimos identificar que a imagem relacionada à mulher, foi no passado e ainda hoje continua sendo o corpo, os padrões de beleza e a ideia de mulher como objeto sexual. Na época de Katharina não era diferente. As mulheres que ousaram lutar contra esse sistema desigual, conquistando espaços e direitos, assim como Katharina tiveram suas histórias ocultadas ou perdidas no esquecimento da tradição oral.

### **Considerações Finais**

A história é cheia segredos e ironias. Para compreender como se deu a atuação das mulheres no processo da Reforma, precisa-se ir além das poucas linhas que estão escritas a respeito. Fazendo isso, descobrimos que as mulheres como Katharina von Bora e tantas outras, tiveram participação decisiva na história eclesiástica. O que nos limita nos estudos sobre elas, é o fato da maioria dos autores que escreveram sobre essas mulheres, quando escreveram, falam muito mais sobre os maridos delas que de fato sobre as mulheres.

Katharina, no entanto, se mostra uma mulher diferente em sua época, principalmente por não deixar-se submeter aos homens e por ser uma mulher inteligente. Por essas e tantas outras peculiaridades de Katharina, e partindo dos registros sobre sua vida, podemos afirmar que ela teve influência sobre Lutero e seus escritos durante o período da reforma protestante.

Infelizmente as mulheres foram e são vítimas da mídia, quando não são ocultadas por ela, sofrem por serem estereotipadas dentro de um padrão machista e que as transformam em mercadorias, reprodutoras, objetos sexuais ou auxiliadoras do lar, remetendo aos tempos antigos de total submissão aos homens.

É de extrema importância que rompamos o silêncio de tantas mulheres que ainda continuam ocultadas. Que haja preocupação com o resgate das histórias de mulheres protagonistas e que contribuíram para a história, mesmo que esse processo tenha que ser feito por entrelinhas e ir além dos escritos. Mas, que também se façam novas histórias, novas personagens, novas “receitas” para que os livros passem a ser explorados não sempre nas mesmas e únicas páginas.

### **Referências**

ABRANCHES, Graça. Como se fabricam as desigualdades na linguagem escrita. Cadernos SECAUSEF, Lisboa, n. 8, 2011. p. 35.



BLASI, Marcia; MUSSKOPF, André S. Ainda feminismo e gênero histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia. Porto Alegre: Evangraf, 2014, p. 217-219.

DALFERTH, Heloisa Gralow. Katharina von Bora Uma biografia. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 11-91.

DUARTE, Rosália. Mídia e Identidade Feminina: mudanças na imagem da mulher no audiovisual brasileiro da última década. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2, 2003, Florianópolis. Anais...Florianópolis, 2003. p. 4.

GIERUS, Renate. Além das grandes águas: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850. Uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas. Tese (Doutorado em Teologia). São Leopoldo, Escola Superior de Teologia, 2006, p. 26.

STEFFEN, Luciana. Musicoterapia como práxis teológica: Interseções entre gênero e deficiência no desenvolvimento da independência de crianças e adolescentes com deficiência em atendimento musicoterapêutico. 2014. 149 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014. p. 26-27.

WEISSHEIMER, Vera Cristina. Bruxas no tempo de Lutero. As mulheres que ajudaram a escrever a história da reforma luterana. São Leopoldo: H.E encadernação, 1994. p. 31-38.